

O que muda na dívida externa brasileira

A desvalorização do dólar e a redução das taxas de juros vão diminuir nossa dívida, afirma o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, assessor do Ministério da Fazenda.

O chefe da assessoria econômica do Ministério da Fazenda, Luís Gonzaga Belluzzo, admitiu ontem que os resultados da reunião extraordinária realizada ontem em Nova York, da qual participam os ministros das finanças e presidentes dos principais bancos centrais do mundo, podem alterar a economia mundial.

O presidente Ronald Reagan está profundamente preocupado com o crescimento do déficit da balança comercial dos Estados Unidos, que caminha para 150 bilhões de dólares neste ano — disse Belluzzo. Mas esta não é a única fonte de desequilíbrio da economia norte-americana: a inflação anual que estava em 2,8% pulou agora para 3,6%; as últimas estatísticas a respeito do desempenho da produção dos Estados Unidos apontam para um crescimento do produto bruto bem inferior ao que se esperava; há a perspectiva de forte saída de recursos dos Estados Unidos na forma de pagamento de juros, aumentando o déficit em conta corrente; e há o forte déficit orçamentário dos Estados Unidos, que também preocupa.

Desvalorização do dólar

Mas o que deve ter precipitado essa reunião — disse Belluzzo — foi a queda do dólar no mercado internacional na semana passada e também a nova quebra do México, anterior ao terremoto.

Belluzzo entende que, na prática, o que pode sair da reunião de ontem é uma forma qualquer de desvalorização do dólar em relação às moedas dos demais países industrializados e em relação ao ouro, a ser feita de maneira coordenada entre governos e não só pelo governo norte-americano.

Uma das formas de se provocar a desvalorização do dólar seria monetizar parte do déficit — disse Belluzzo. Isso significaria que o Tesouro dos Estados Unidos seria obrigado a emitir mais moedas para pagar



as contas do setor público e a reduzir a tomada de empréstimos. Consequências inevitáveis de uma decisão dessas seriam a redução das taxas de juro sobre empréstimos em dólares e um aumento proporcional da inflação norte-americana.

Em compensação, estariam criadas condições para uma reversão da atual situação da balança comercial dos Estados Unidos: as exportações dos Estados Unidos seriam estimuladas e as importações, claramente reprimidas porque as mercadorias norte-americanas ficariam mais baratas em outras moedas e as mercadorias de outros países ficariam bem mais caras em dólares, inibindo encomendas.

Reações em cadeia

Outra questão — raciocina Belluzzo — é saber como vão reagir os outros países. Porque uma desvalorização do dólar pode provocar reações em cadeia por parte dos outros governos de países industrializados preocupados com a perda de competitividade de seu próprio produto no mercado norte-americano e levá-los a decisões que, por sua vez, provoquem a desvalorização também das outras moedas. Daí porque é importante que haja um mínimo de coordenação e acordo entre governos. O que torna a operação mais complicada é o fato de que a maioria dos bancos centrais

não tem controle sobre a maior parte dos ativos em dólares depositados nos bancos internacionais.

Consequências para o Brasil

Essas decisões deverão ter duas consequências positivas para o Brasil: a desvalorização do dólar desvaloriza também a dívida externa contabilizada em dólares; e a provável redução das taxas de juro sobre empréstimos em dólares deverá, também, reduzir o custo da dívida externa brasileira.

Em princípio, a desvalorização do dólar não deve afetar demais as exportações do Brasil para os Estados Unidos, porque o cruzeiro continua amarrado ao dólar e também se desvaloriza com ele em relação às moedas europeias, sem que seja necessário mexer na política cambial.

Belluzzo afirma, ainda, que juntamente com essas mudanças, o Banco Mundial deverá assumir uma nova função: a de se tornar um credor mais importante dos países em desenvolvimento. Tudo indica que o banco Mundial deverá ser levado a descontar títulos da dívida dos países em desenvolvimento hoje em poder dos bancos internacionais para aliviá-los de um peso que talvez não possam mais suportar diante da nova política de desvalorização do dólar.

Ocorre que o Banco Mundial não dispõe de recursos suficientes para isso. Daí porque será preciso capitalizar o Banco Mundial — decisão que poderá vir a ser tomada na próxima reunião do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, marcada para o próximo mês, em Seul, Coreia.

— Em síntese, tudo isso pode acabar sendo bom para o Brasil e deve aumentar as condições de barganha do governo brasileiro junto ao Fundo Monetário Internacional e junto aos credores externos — disse Belluzzo.

Celso Minguetti